

48º ENCONTRO PEREGRINAÇÃO NACIONAL
“AMAR E SEMEAR - CAMINHADA EM MATRIMÓNIO”
CENTRO PASTORAL PAULO VI – FÁTIMA
3 E 4 DE MARÇO DE 2018

CPM - SEMENTEIRA PARA O AMOR - PERSPECTIVAS PASTORAIS
3 de Março de 2018

Agradecimento

Quero agradecer a missão e trabalho que desempenhais na Igreja e o serviço que prestais à sociedade e ao mundo. Apesar de ter tomado parte apenas em dois Cursos de Preparação para o Matrimónio, foram muitos os casais que me falavam das suas experiências e era muito interessante sentir como apesar das suas reticências em participar e inscreverem-se no encontro, depois de fazerem a experiência diziam que foi um momento único de reflexão, que os fizeram pensar em tantos aspectos que nunca tinham pensado, que foi muito importante a partilha e o encontro com outros casais que partilham o mesmo percurso e se preparam para o sacramento do matrimónio. Em consciência tenho de vos agradecer este contributo e a vossa missão. Mas como tudo na vida cristã estamos sempre a caminho, procurando corresponder cada vez mais e melhor com os desafios que em cada tempo o Evangelho nos propõe e o mundo e a realidade nos pedem. Por isso, este tempo de peregrinação, formação e reflexão são uma oportunidade para precisamente parar, reflectir e partir com ânimo renovado para criativamente corresponderem aos desafios que a família coloca à Igreja e à sua acção eclesial.

0. Introdução

«A ALEGRIA DO AMOR que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja» (AL 1). Quero precisamente começar com estas palavras que abrem o último grande documento sobre a família: a Exortação Apostólica do Papa Francisco *Amoris Laetitia* a que recorrerei várias vezes ao longo da minha apresentação. Em primeiro lugar, se alguma coisa de importante quero partilhar convosco esta tarde, é precisamente este olhar positivo que o Papa Francisco na sua exortação coloca sobre o Matrimónio e a Família e podemos desde já sentir ecoar nestas palavras introdutórias desta exortação, as palavras introdutórias de um outro documento fundamental para a família no mundo contemporâneo – *Gaudium et Spes* – que inicia: «*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração*» (GS 1).

Como pano de fundo deste fim-de-semana temos o tema e lema que nos faz peregrinar a Fátima: “Amar e semear - caminhada em matrimónio” e dentro deste horizonte foi-me pedido que desenvolvesse convosco o tema: «**CPM - Sementeira para o Amor - Perspectivas Pastorais**».

A partir deste lema que nos acompanhará este fim-de-semana e deste tema que me foi proposto, é inevitável não pensar nas palavras do Papa Francisco na AL 200: «À luz da parábola do semeador (cf. Mt 13, 3-9), a nossa tarefa consiste em cooperar na sementeira: o resto é obra de Deus». Aqui encontramos o ponto de partida da nossa reflexão (consciência da nossa missão: somos cooperadores), o centro da proposta que vos quero fazer e de onde retiraremos muitas implicações pastorais (primado da graça) e a meta do caminho que devemos percorrer enquanto movimento de pastoral familiar (contemplar a obra de Deus a florescer e frutificar no mundo).

Esta imagem do semeador é uma imagem muito usada pelo nosso querido Papa Francisco para falar da realidade familiar e matrimonial e juntamente com esta a imagem do hospital de campanha (AL 291), isto é, uma Igreja em saída e no meio dos seus filhos (EG 49): *«Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças»*.

Ainda em jeito introdutório, aprofundemos um pouco mais o título e tema que me foi confiado: «**CPM - Sementeira para o Amor - Perspectivas Pastorais**». Partindo desta belíssima imagem do semeador, a tarefa que me propõe é a apresentação das perspectivas pastorais que hoje se colocam ao CPM e permiti que o diga também num modo mais alargado à Pastoral Familiar em geral, pois o CPM não pode ser um sujeito isolado mas parte integrante dessa grande área da pastoral que é o matrimónio e a família.

Não deixa de ser curioso que a primeira intervenção deste encontro seja precisamente as perspectivas pastorais. Na verdade, agrada-me este jeito de começar, pois tantas vezes num encontro de formação e reflexão se começa por uma análise sociológica ou psicológica das ciências humanas, se passa para um aprofundamento teológico e se terminam com as conclusões como adaptação de tudo o que teoricamente foi apresentado.

Por isso, irei partir de uma pergunta fundamental no âmbito da teologia pastoral – o que é que a Igreja deve fazer aqui e agora? – para depois apresentar um brevíssimo *excursus* da teologia pastoral familiar para chegar à mais recente Exortação Apostólica sobre a família e sublinhar desta exortação os aspectos mais significativos que se constituem como desafio e implicação pastoral para nós. A partir deste percurso, com toda a certeza encontraremos desafios e implicações pastorais importantes.

Não é um refrão dos pastoralistas ou de um aprendiz de pastoralista, mas uma realidade: na pastoral não existem receitas, não existem regras, técnicas e esquemas pré-fabricados que sirvam para aplicar em todos os lugares. Por isso, importa sublinhar orientações fundamentais para que cada grupo, cada paróquia, cada região pastoral, possam aplicar na sua realidade concreta fazendo acontecer este admirável encontro entre fé e realidade.

Nesta reflexão que quero fazer convosco irei ter em consideração fundamentalmente a proposta de pastoral familiar do Prof. Nicola Reali: «Percurso de Teologia Pastoral Familiar» que se encontra presente de modo especial nos seus dois livros: «qual fé para se casar pela Igreja?» (quale

federe per sposarsi in Chiesa?¹) e «Escolher ser escolhido» (Scegliere di essere scelti²). Depois tomarei em consideração a *Amoris Laetitia* não para apresentar um resumo ou uma reflexão geral desta exortação, mas apontar alguns pontos fundamentais onde emergem implicações e perspectivas pastorais para o nosso tempo e a nossa realidade.

1. O que é que a Igreja deve fazer aqui e agora?

A Teologia Pastoral é a acção multiforme de toda a comunidade eclesial guiada e iluminada pelo Espírito Santo. Podemos dizer de outro modo, a pastoral é a ciência que estuda, pensa, projecta e orienta o agir da Igreja à luz do coração de Deus, o coração do Bom e Belo Pastor. A Teologia Pastoral pode até parecer um grande contentor onde colocam todas estas questões ditas práticas: pastoral familiar, pastoral juvenil, pastoral vocacional, pastoral da saúde, pastoral litúrgica e poderíamos continuar até chegar às situações mais difíceis e complicadas da acção da Igreja que imediatamente se classificam como um **Problema Pastoral**.

Contudo, a Pastoral e neste campo específico a Pastoral Familiar deve responder à pergunta: «o que é que a Igreja deve fazer aqui e agora?». Esta é a nossa pergunta fundamental e a resposta a esta pergunta há-de oferecer-nos o caminho que devemos trilhar e os desafios pastorais que se colocam, no aqui e agora.

Sublinho: «aqui e agora». Temos de pensar a realidade hodierna e o contexto em que vivemos. Não o passado que tantas vezes idealizamos, não um futuro a longo prazo que fica tão longe e que, por isso, o devemos confiar à providência divina. Sublinho esta realidade porque muitas vezes nos perdemos no saudosismo de um tempo que nunca existiu e que por isso pode ser colocado em qualquer fase da história. Pensamos o aqui e agora sem nos perdermos num activismo prático que nos impeça de caminhar com a sábia prudência que caracterizou sempre a acção eclesial que diante dos desafios e realidades novas não se preocupa em dar uma resposta apressada.

Esta pergunta deve colocar-se em cada tempo porque não é apenas novo o tempo e a realidade em que vivemos. Também o próprio Evangelho é novo em cada dia e deve ser lido de um modo novo em cada realidade. «Vinho novo, em odres novos» (Mc 2,22), dizia já Jesus no Evangelho, alertando-nos para o perigo de diante das realidades novas continuarmos com os nossos velhos esquemas remendados, fazendo adaptações, esquecendo Deus Pai Criador que do nada fez todas as coisas. É desta criatividade pastoral que se deve revestir a nossa acção pastoral.

«O que é que a Igreja deve fazer aqui e agora?». É a pergunta que com a minha reflexão quero ajudar a responder, na consciência de que apresentar desafios e perspectivas pastorais pressupõe a capacidade de olhar a realidade e estabelecer a relação entre a doutrina e a pastoral. Não é possível uma pastoral sem doutrina nem uma doutrina que em si não tenha já presente a pastoral como surge já na nota introdutória da GS:

«A Constituição pastoral «A Igreja no mundo actual», formada por duas partes, constitui um todo unitário. É chamada «pastoral», porque, apoiando-se em princípios doutrinários, pretende expor as

¹ N. REALI, *Quale fede per sposarsi in chiesa? Riflessioni teologico-pastorali sul sacramento del matrimonio*, Dehoniane, Bologna 2014.

² N. REALI, *Scegliere di essere scelti. Riflessioni sul sacramento del matrimonio*, Cantagalli, Siena 2008.

relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje. Assim, nem à primeira parte falta a intenção pastoral, nem à segunda a doutrinal».

O aqui e agora remete-nos ainda para um diálogo sadio e positivo com o mundo em que vivemos. O Prof. Nicola Reali afirma no seu livro que, desde os anos 60, qualquer reflexão acerca do matrimónio e da família começa com a descrição da crise que a família atravessa e detém-se na procura de uma origem e causa para esta realidade: a sociedade pós-moderna, o mundo secularizado, a falta do compromisso fazem do mundo um inimigo a combater. Por isso, é urgente olhar para o mundo não como uma objecção à acção pastoral mas como uma oportunidade. O tempo em que vivemos é um tempo favorável, porque é o único onde podemos fazer alguma coisa e o mundo em que vivemos é o lugar oportuno pois é o lugar criado por Deus e onde Deus nos visitou em Jesus Cristo. Por isso, é urgente passar de uma pastoral do *ainda não* para uma pastoral do *já* (Salvatore Currò)³.

Por isso, na procura das perspectivas e desafios pastorais lançados hoje à Igreja, vamos partir de orientações e princípios fundamentais, para fazer emergir as principais implicações pastorais.

2. Breve percurso da história da Teologia Pastoral Familiar

O Concílio Vaticano II constitui para a Teologia Pastoral Familiar um verdadeiro e decisivo marco, de tal modo que muitos autores falam dele como um ponto de não retorno na Teologia Pastoral familiar. Na verdade, antes do Concílio Vaticano II, a reflexão acerca do matrimónio e da família era apenas objecto de estudo do Direito Canónico, numa perspectiva jurídica, numa visão do matrimónio enquanto instituição natural, com as suas propriedades fundamentais (unidade, fecundidade e indissolubilidade), elevado à dignidade de sacramento em Jesus Cristo.

Portanto, a consideração mais consensual era a afirmação de que o matrimónio é, antes de tudo, uma instituição natural. Deste modo, o matrimónio era considerado uma dimensão natural da existência humana ligada à reprodução da espécie, entendido nos termos do direito natural e na linha de uma prevalência jurídica do desenvolvimento da matéria.

Assim, o matrimónio aparecia no Código de Direito Canónico de 1917 como um contracto consensual entre as partes (esposo e esposa), o qual – como qualquer outro contracto – tinha um objecto (o direito ao corpo do outro) e finalidades primária a procriação e educação da prole e como finalidades secundárias a ajuda recíproca e o remédio contra a concupiscência (can. 1081 §2).

O sacramento do matrimónio não era nada mais que um contracto matrimonial natural promovido e elevado à dignidade sacramental e a graça sacramental uma ajuda para que os esposos possam ser fiéis ao matrimónio e às suas propriedades, finalidades e obrigações.

Como afirma o Prof. Reali no seu livro: *«esta apresentação, oferecida pelo direito e pela teologia pré-conciliar, era evidentemente redutiva quer porque fazia do matrimónio somente uma forma humana de reprodução da espécie, seja porque desta definição faltava aquele que é, talvez o elemento mais importante do matrimónio: o amor»*⁴.

Será preciso chegar ao Concílio Vaticano II para que sem medo a Igreja fale do amor conjugal e apresente o amor no matrimónio como lugar fundamental para a construção de um caminho de

³ S. CURRÒ, *Perché la Parola riprenda suono. Considerazioni inattuali di catechetica*, pref. di A. Fossion, Elledici, Torino 2014.

⁴ N. REALI, *Scegliere di essere scelti. Riflessioni sul sacramento del matrimonio*, Cantagalli, Siena 2008, p. 28.

fidelidade e doação recíproca. Contudo, importa sublinhar que antes do Concílio, a visão tradicional estava era já objecto de críticas que tinham aberto um intenso debate entre canonistas, moralistas e teólogos sobre a essência e os fins do matrimónio. Neste período, é evidente a presença de uma corrente personalística que surge como primeira tentativa de superação desta visão pré-conciliar. Encontramos nomes como Dietrich von Hildebrand (filósofo católico), com a obra *O Matrimónio* de 1929 onde sustém que a essência do matrimónio estava reconhecida não nos bens e nos fins, mas no amor conjugal ou de Herbert Doms, no volume *Sobre o sentido e os fins do matrimónio* propunha o abandono do esquema tradicional dos fins e dos bens em favor do conceito de unidade a dois, que exige uma mútua doação físico-espiritual. Contudo, não obstante o crescente número dos escritores personalísticos que se mostravam críticos da perspectiva jurídica, que oferecia uma visão do matrimónio excessivamente institucional, no Pontificado do Papa Pio XII, na sua alocução de 3 de Outubro de 1941 à Rota Romana e na alocução de 1951, sublinhou claramente a hierarquia dos fins matrimoniais. Assim o tema do amor conjugal emerge sempre mais e impõe-se com pleno vigor na aula conciliar, durante os quatro anos do Concílio Vaticano II, conquistando com isso aquela que, aos olhos de muitos, aparece como uma vitória definitiva.

O Concílio Vaticano II marca uma etapa decisiva na reflexão teológico-pastoral acerca do matrimónio e da família. São vários os documentos onde se aborda a temática do matrimónio e da família (SC, LG, GS, AA). Quero apenas sublinhar LG 11 e a GS 48. Com estes dois números podemos entrar no grande contributo que nos oferece o Concílio Vaticano II para a reflexão acerca do matrimónio e da família.

LG 11: «*os cônjuges cristãos, em virtude do sacramento do Matrimónio, com que significam e participam o mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja (cfr. Ef. 5,32), auxiliam-se mutuamente para a santidade, pela vida conjugal e pela procriação e educação dos filhos, e têm assim, no seu estado de vida e na sua ordem, um dom próprio no Povo de Deus (cfr. 1 Cor. 7,7)*» (LG 11).

O matrimónio não é mais apenas um remédio contra a concupiscência mas aparece como um «estado de vida» próprio no interior do Povo de Deus, um caminho para a santidade e «*participam o mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja*». Deste modo, pelo sacramento do matrimónio, o amor entre um homem e uma mulher podem tornar-se sinal da união de Cristo com a Sua Igreja. Na verdade, o homem e a mulher podem tornar-se sinal desta união entre Cristo e a Sua Igreja porque o sacramento do matrimónio se torna uma condição de possibilidade na medida em que Cristo já o realizou de uma vez para sempre na oferta que faz de si mesmo.

A GS oferece um contributo fundamental ao falar do matrimónio como «*íntima comunidade da vida e do amor*» (GS 48), «*fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, eu seja pelo irrevogável consentimento pessoal*». Deste modo, cai a noção de contracto, abandonando-se assim uma categoria meramente jurídica para emergir uma aliança matrimonial (pacto, no latim *fedus*) que nos faz uma vez mais ler o matrimónio a partir desta categoria da aliança entre Deus e o Seu Povo, entre Cristo e a Sua Igreja. Mais uma vez olhar a aliança de Deus com o Seu Povo e de Cristo com a Sua Igreja não é apenas apresentar um conjunto de elementos morais e éticos mas uma condição de possibilidade a partir da qual os esposos são

chamados a crescer no amor, para que neles e no seu amor se realize e aconteça aquilo que em Cristo aconteceu de uma vez para sempre.

Sublinho ainda os dois termos latinos usados no texto original da GS para falar de amor: *amor* e *dilectio*. Este último não indica só uma boa vontade ou uma magnânima disposição, ainda que o amor (*dilectio*) sob o perfil da escolha (*electio*), é possível meter em relevo o carácter de escolha que o amor deve ter, da decisão em favor do outro capaz de trazer em si mesma cada outra dimensão da relação amorosa. Escolher é questão de liberdade e, portanto, colocar o amor sob o lado da *dilectio* obriga a colocar ao centro da reflexão o acto da liberdade que escolhe amar e que nos remete para o livre consentimento matrimonial pelo qual o matrimónio se estabelece.

Ler o matrimónio e a família a partir do amor, significa olhar as propriedades fundamentais do matrimónio como a fecundidade e a fidelidade de um modo novo, onde a fecundidade se torna um perpetuar da efectividade e unicidade do amor e onde a fidelidade, como afirmou o Papa Bento XVI aqui em Fátima na tarde do dia 12 de Maio de 2014: «a fidelidade no tempo é o nome do amor».

3. *Gaudium et Spes, Evangelii Gaudium e Amoris Laetitia*

Como referi anteriormente, a GS é o documento do Concílio Vaticano II onde esta temática do matrimónio e da família assume particular relevância e oferece uma absoluta novidade no percurso da Teologia Pastoral da Família. Importa sublinhar que este documento é a Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a relação da Igreja com o Mundo Contemporâneo. Que é que isto quer dizer? Pastoralmente encontramos aqui um conjunto de desafios e perspectivas a explorar, pois o matrimónio e a família apresentam-se como lugares fundamentais e privilegiados para o diálogo com o Mundo Contemporâneo. Por isso, é tão urgente a reflexão e acção da Igreja na família, porque ela é o lugar de relação e transformação do mundo e da sociedade.

Além disso, o matrimónio e a família deve situar-se precisamente no horizonte da evangelização, da recristianização do tecido social, no anúncio de Jesus Cristo, como lugar de anúncio do Evangelho aos nossos dias.

Recentemente numa conferência sobre a *Amoris Laetitia* na Pontifícia Universidade Lateranense, o Prof. Pierangelo Sequeri, presidente do Pontifício Instituto João Paulo II para as Ciências do Matrimónio e da Família, afirmava que devemos situar a AL no horizonte da Exortação Apostólica programática do Papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*. A Alegria do Amor situa-se na linha da Alegria do Evangelho e têm como objectivo oferecer a alegria de pertencer a Cristo e de caminhar na Sua Igreja. Por isso, mais do que situar o matrimónio e família na ordem da moral, do que podemos ou não fazer, devemos situar na óptica do encontro com Cristo, da evangelização.

Situar a reflexão do matrimónio e da família no horizonte da Evangelização e da relação com o Mundo contemporâneo, oferece-nos já um conjunto de desafios e perspectivas que não podemos descurar: a relação com a cultura, com a música, com a pintura. Já repararam, por exemplo, como ideologias pós-modernas como a ideologia de género começam a entrar pelas diferentes formas de cultura e arte? Pois bem, a Igreja, a Pastoral familiar, o CPM devem encontrar também nesta relação com a cultura e o mundo contemporâneo uma oportunidade de entrar em diálogo e apresentar não apenas mais uma proposta que entra no mercado das ideias mas a proposta capaz de oferecer aos homens e mulheres do nosso tempo a felicidade que brota do Evangelho e do Coração de Jesus Cristo.

Por isso, afirmava o Papa Francisco a 20 de Setembro de 2014 num discurso aos Bispos participantes no Seminário promovido pela congregação para a Evangelização dos Povos: «*apraz-me ressaltar convosco que as famílias estão na base da obra evangelizadora, com a sua missão educativa e com a participação activa na vida das comunidades paroquiais. Encorajo-vos a promover a pastoral familiar, para que as famílias, acompanhadas e formadas, possam dar cada vez mais a sua contribuição à vida da Igreja e da sociedade*».

4. A Força Pastoral da *Amoris Laetitia*: o Primado da Graça

Neste percurso histórico não podemos descurar a Exortação Apostólica do papa João Paulo II *Familiaris Consortio* de 22 de Novembro de 1981 que surge na sequência do Sínodo dos Bispos celebrado em Roma de 26 de Setembro a 25 de Outubro de 1980. Reconhecendo a importância deste documento a *Amoris Laetitia* cita por 26 vezes a *Familiaris Consortio*.

A *Amoris Laetitia* constitui uma referência fundamental para abordar a realidade do matrimónio e da família hoje, propondo uma mudança de método que consiste na consciência do primado da graça e num olhar positivo sobre a realidade do matrimónio e da família hoje.

Sei que são muitas as reflexões e leituras que já se fizeram da *Amoris Laetitia*. Não quero apresentar nenhuma síntese da *Amoris Laetitia* nem apenas acenar à sua estrutura. Muito menos esquecer que a *Amoris Laetitia* possui 9 capítulos. Pois como sabeis muito se tem escrito e dito sobre a *Amoris Laetitia* mas ficando-se apenas pelo VIII Capítulo e pior ainda sobre a nota 351, que, ao fim e ao cabo, não são as grandes novidades deste belíssimo e precioso documento. Este documento apresenta, na meu entender, as grandes novidades nos capítulos II e IV onde o papa apresenta uma notável reflexão quer da situação actual e da realidade hodierna, quer do amor no matrimónio e na família.

Por isso, mais do que uma síntese da *Amoris Laetitia* ou uma abordagem à sua estrutura ou principais elementos constitutivos, quero apenas sublinhar quais os principais aspectos que apresentando de modo novo aquilo que sempre foi dito, conseguem estabelecer um diálogo sobre o matrimónio e a família no **hoje** da vida dos homens e mulheres do nosso tempo, com um olhar positivo sobre a realidade, encontrando nas famílias uma oportunidade e não um problema, evitando toda e qualquer catalogação e um discurso pessimista de crise mas caminhar para lá das regras, despertando a confiança na graça e encontrando no primado da graça uma chave de leitura fundamental para compreender e acolher a novidade pastoral que traz a *Amoris Laetitia*⁵.

Em primeiro lugar, este documento é um documento pastoral ou doutrinal? O prof. Nicola Reali afirma que este documento é sobretudo um documento pastoral e narra até a experiência paroquial que realizou: pela primeira vez um documento do magistério tem presente a vida e a realidade das pessoas. No meu entender, este documento possui aquilo que já dizíamos para a GS: nem à doutrina falta a pastoral, nem à pastoral falta a doutrina e basta ler o Capítulo III para encontrar toda a reflexão doutrinal e do magistério acerca do matrimónio e da família. Mas importa sublinhar o que diz o papa no n. 89 ao abrir o quarto capítulo: «*Tudo o que foi dito não é suficiente*

⁵ Cf. Reali, N., Al di là delle regole: la forza pastorale della *Amoris Laetitia*, «Sacramentaria & scienze religiose» XXVI (2/2017), 131-143.

para exprimir o Evangelho do matrimónio e da família, se não nos detivermos particularmente a falar do amor. Com efeito, não poderemos encorajar um caminho de fidelidade e doação recíproca, se não estimularmos o crescimento, a consolidação e o aprofundamento do amor conjugal e familiar».

4.1. *Amoris Laetitia*: um olhar positivo sobre o matrimónio e a família

«A alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja» (AL 1). Esta abordagem comunica um olhar positivo sobre a realidade do matrimónio e da família. Ao contrário dos escritos desde os anos 60 que partem sempre da denúncia da crise do matrimónio e da família e da condenação da sociedade pós-moderna, líquida e nichilista, aqui encontramos um olhar positivo sobre a realidade do matrimónio e da família. Temos de evitar uma certa visão eclesial que pensa que estamos no ano zero do cristianismo, devemos adoptar uma visão diferente, habitando sentido do humano, numa atenção à dimensão antropológica do **hoje** da história. Um grande desafio pastoral é precisamente este: habitar o sentido do humano, perceber que no coração de cada homem e de cada mulher Deus está já a habitar e importa não descurar isto.

4.2. Duas imagens fundamentais: “Hospital de Campanha” e “Parábola do Semeador”

Estas duas imagens já mencionadas no início desta intervenção constituem uma nota característica deste documento magisterial.

4.3. «O tempo é superior ao espaço» (AL 3 e 261)

A metáfora «o tempo é superior ao espaço» (AL 3 e 261) é fundamental para compreender o conteúdo da *Amoris Laetitia* sem esperar que o «papa diga sempre a última palavra» (AL 3), pois existem diferentes modos de interpretar alguns aspectos da doutrina (AL 3) e sobretudo sem se preocupar em «ocupar espaços» que impeçam à Igreja de meter em acto a continua mudança que é essencial para poder e tornar-se, em cada tempo e em cada espaço, o único e o mesmo acesso à redenção.

A primeira vez que o papa diz esta expressão, di-la como arcebispo em Buenos Aires, onde fala do tempo como utopia e plenitude e o espaço como limite. Deste modo, quando falamos de tempo e espaço, falamos desta tensão entre plenitude e limite, deste percurso que nos há-de conduzir dos nossos limites à plenitude que Deus nos oferece.

AL 261: «trata-se mais de gerar processos que de dominar espaços». Por isso, a *Amoris Laetitia* não se preocupa em reformar a doutrina mas solicita a comunidade cristã a colocar-se diante do fenómeno complexo mas fascinante do mundo dos afectos humanos, simplesmente dizendo de modo diverso aquilo que sempre foi dito.

4.4. Igreja – Família – Crise: uma salutar consciência autocrítica

A *Amoris Laetitia* propõe uma mudança de método, isto é, não apenas de estilo, no campo da acção pastoral, sobretudo nos ambientes ditos «ocidentais» marcados pela secularização. É necessário colocar em evidência que a benevolência com a qual a exortação olha os homens e mulheres do nosso tempo é dirigida prevalentemente aqueles que vivem naquela parte do mundo onde desde há muito tempo se afirma que a Igreja esteja em crise. Contudo, em toda a exortação a

palavra crise não é mais aplicada à Igreja, nem se diz que a crise do matrimónio e da família se devam ao facto da Igreja ter perdido uma incidência cristã na sociedade.

Temos também de constatar que as actuais dificuldades que encontram hoje os católicos no viver as relações afectivas são as mesmas que caracterizam a vida de todos os outros homens e mulheres.

Por isso, o papa leva a cabo uma «salutar reacção de autocrítica» (AL 36):

«muitas vezes apresentámos de tal maneira o matrimónio que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda mútua ficaram ofuscados por uma ênfase quase exclusiva no dever da procriação. Também não fizemos um bom acompanhamento dos jovens casais nos seus primeiros anos, com propostas adaptadas aos seus horários, às suas linguagens, às suas preocupações mais concretas. Outras vezes, apresentámos um ideal teológico do matrimónio demasiado abstracto, construído quase artificialmente, distante da situação concreta e das possibilidades efectivas das famílias tais como são. Esta excessiva idealização, sobretudo quando não despertámos a confiança na graça, não fez com que o matrimónio fosse mais desejável e atraente; muito pelo contrário.

(AL 37): *«Durante muito tempo pensámos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas».*

A crise do matrimónio e da família é uma oportunidade e uma ocasião favorável para colocar em discussão a modalidade com a qual devemos agir pastoralmente. A Igreja coloca-se em discussão, reformando-se. Ao contrário de todos os outros grupos sociais, a Igreja pode alegrar-se das dificuldades que encontra no seu caminho, pois nele ela encontra a causa eficiente da contínua mudança (*semper reformanda*) que a consente em decidir-se por Cristo.

4.5. Não a um catálogo que rotula como regular ou Irregular

A grande força da *Amoris Laetitia* está na sua capacidade de dizer diversamente aquilo que sempre foi dito, começando por aceder ao convite de não catalogar apressadamente os casais, que não correspondem de todo ao ideal doutrinal cristão, como irregulares. Pode ter-se como exemplo o capítulo oitavo onde se sublinha a importância do discernimento pastoral que é introduzido sobre a base da insuficiência de critérios “objectivos” que definem a regularidade ou irregularidade de um casal. Mais não se arrisca a trair o texto, se se disser que o Papa Francisco recorda que os casais regulares não são tão regulares quanto imaginam, nem os casais irregulares são tão irregulares quanto pensam.

Por exemplo, quando o Papa Francisco fala nesta dimensão alargada da fecundidade é de tal modo importante que uma família fechada em si mesma – ainda que aparentemente sã (porque não se divorcia, frequenta a Igreja e usa os métodos naturais) – corre o risco de se encontrar numa situação pior que uma família, ainda que ferida, que é capaz de dar espaço aos outros: *«Quando os comungantes se mostram relutantes em deixar-se impelir a um compromisso a favor dos pobres e atribulados ou consentem diferentes formas de divisão, desprezo e injustiça, recebem indignamente a Eucaristia»* (AL 186).

4.6. Uma exortação com valor em si

Mais precisamente: a regra permanece e é sempre a mesma. Aquele que muda é o valor da regra que, neste modo, se encontra a gozar de um valor em si, independentemente da aceitação positiva ou negativa que pode receber. Por isso, o papa convida a caminhar além da regra. A *Amoris Laetitia* não se encontra no mercado das ideias para ver o seu conteúdo aceite ou rejeitado, mas tem um valor em si independentemente da sua aceitação ou da sua refutação. A *Amoris Laetitia* pode assim propor-se a todos porque o seu ensinamento não tem a forma de uma velha ou nova definição que possa confundir-se com as outras inúmeras propostas, que são chamadas a ser aceites ou rejeitadas. A grandeza da AL é que não entra no mercado das ideias porque não apresenta uma regra para ser aceite ou rejeitada.

A Igreja tem a capacidade de penetrar a vida das pessoas quando não reduz a sua proposta a uma regra. Isto não quer dizer que não existe uma regra. Se o anúncio do Evangelho da família se reduz a uma regra a aceitar ou rejeitar estaremos apenas a contar quantos o aceitam ou rejeitam.

4.7. Primado da graça

Para mim, a grande novidade que a *Amoris Laetitia* traz é o método novo que nos propõe: “Despertar a confiança na graça” (AL 36): o Método Pastoral de “*Amoris Laetitia*”. A palavra graça aparece por 77 vezes em todo o documento e pode dizer-se sem receio que é uma chave de leitura para todo o documento. A graça que não é apenas uma ajuda para que possam ser fiéis, decundos e genrosos. Não é apenas uma moleta para caminhar. O papa é muito claro na definição do que é a graça:

«À luz da parábola do semeador, a nossa tarefa consiste em cooperar na sementeira: o resto é obra de Deus» (AL 200)

«Durante muito tempo pensámos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas» (AL 37).

A chamada de atenção omnipresente na *Amoris Laetitia* é a necessidade que o homem deve abrir-se à obra da graça. Aqui encontramos um forte desafio pastoral que inclusive nos liberta do peso e preocupação que tantas vezes vivemos: o papa deseja que a acção pastoral da Igreja dê maior espaço do seu agir à obra de Deus que à obra dos homens.

O ideal do matrimónio foi muitas vezes apresentado sem motivar a abertura à graça. Insistir apenas na moral faz esquecer a dimensão da graça. Uma família que respeita os critérios doutrinários (monogâmica, não se divorciou, com filhos) está de acordo com a doutrina mas pode faltar alguma coisa. Isto não é suficiente não porque a doutrina está errada, porque esquece a abertura à graça.

A família não é apenas uma obra humana. A família não diz respeito apenas à doutrina e à moral, mas diz também respeito à obra de Deus. A verdadeira família não é aquela que pensa construir-se apenas sobre isto. A obra de Deus conhecemo-la apenas *a posteriori*. O ideal teológico diz não a uma família modelo simplesmente a imitar na doutrina e na moral.

A condição para imitar Cristo é ter consciência que Ele não se pode imitar. E para o poder imitar devo tomar consciência que não o posso nunca imitar. Eu não devo ser Cristo, mas aquele que com a graça de Cristo, Deus quer que eu seja. Cristo é o modelo não para eu ser Cristo, mas para ser eu mesmo como Ele me chama a ser.

Isto aplica-se também na relação com a família. A minha relação com Cristo não é esta tensão insuportável. Cristo é Aquele que me permite a mim ser eu mesmo. Por isso, sou chamado a «apresentar o matrimónio mais como um caminho dinâmico de crescimento e realização do que como um fardo a carregar a vida inteira» (AL 37). A Pastoral da Família deve ter em conta em primeiro lugar a insuficiência da doutrina e da moral, porque correm o risco de esquecer a abertura à graça. Aqui encontramos uma perspectiva pastoral que desenvolverei adiante e que com muita pena minha não me foi possível desenvolver mais afincadamente. Pois se esta é a palavra-chave da AL deve ser também fundamental nos desafios pastorais a que nos propomos e ter aí um lugar fundamental.

5. Perspectivas Pastorais

Chegamos assim ao tão desejado ponto e, porventura, aquele que realmente interessa. Sabendo que corro o risco de colocar em causa o que disse, começo por recordar as palavras do Papa Francisco aos padres, religiosos e seminaristas do Chile a 16 de Janeiro de 2018: *«Frequentemente sonhamos com as «cebolas do Egipto» e esquecemo-nos de que a terra prometida está à frente, e não atrás. Que a promessa é de ontem, mas diz respeito ao amanhã».*

Por isso, olhemos em frente, com um olhar de esperança e como nos desafia o papa com um olhar positivo, que não é ingenuidade, muito menos optimismo desencarnado, mas a certeza: que as famílias «não são um problema, são sobretudo uma oportunidade» (AL 7). É esta oportunidade que não queremos perder e queremos orientar e projectar a nossa acção à luz do olhar misericordioso de Jesus Cristo.

Não irei propor um conjunto de receitas nem de fórmulas mágicas porque se as tivesse teria registado a patente e venderia à diocese ou região pastoral que mais pagasse. Por isso, da única forma que é possível, com a humildade de quem se sabe numa tarefa sempre imperfeita e insuficiente, a partir dos vários pontos que vos apresentei apontar algumas implicações pastorais.

Na Exortação Apostólica do Papa Francisco encontramos a referência aos desafios em dois capítulos: o segundo capítulo (a realidade e os desafios das famílias) e o sexto capítulo (algumas perspectivas pastorais). Contudo, se fosse para ler a *Amoris Laetitia* não era necessário convidar um padre que está em Roma a estudar, porque hoje até uma simples aplicação de *smartphone* sabe ler textos e documentos.

Qualquer tentativa de apontar perspectivas pastorais deve ser capaz de ler a realidade e de articular com o dado da fé, numa relação dialéctica e assimétrica entre teoria e práxis, doutrina e pastoral. Irei situar-me nas diferentes realidades que fazem parte da minha experiência e do meu quotidiano, sabendo que pode porventura não ser a realidade e a experiência de cada um. Por isso, mais do que uma pastoral detalhada vou apontar algumas orientações que cada um pode levar consigo e incarnar e inculturar na sua realidade concreta, numa aplicação criativa.

Como afirma o papa: *«Naturalmente, na Igreja, é necessária uma unidade de doutrina e práxis, mas isto não impede que existam maneiras diferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela. Assim há-de acontecer até que o Espírito nos conduza à verdade completa (cf. Jo 16, 13), isto é, quando nos introduzir perfeitamente no mistério de Cristo e*

podermos ver tudo com o seu olhar. Além disso, em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais» (AL 3)

Na procura de perspectivas pastorais, importa ainda superar as tentações de que falava o Papa Francisco no seu discurso no encerramento da III assembleia geral extraordinária do sínodo dos bispos, a 18 de Outubro de 2014:

«tentação do *endurecimento hostil*, ou seja, o desejo de se fechar dentro daquilo que está escrito (*a letra*) sem se deixar surpreender por Deus, pelo Deus das surpresas (*o espírito*); dentro da lei, dentro da certeza daquilo que já conhecemos, e não do que ainda devemos aprender e alcançar. Desde a época de Jesus, é a tentação dos zelantes, dos escrupulosos, dos cautelosos e dos chamados («*tradicionalistas*»), e também dos intelectualistas).

tentação da *bonacheirice destrutiva*, que em nome de uma misericórdia enganadora liga as feridas sem antes as curar e medicar; que trata os sintomas e não as causas nem as raízes. É a tentação dos «bonacheiristas», dos temerosos e também dos chamados «*progressistas e liberalistas*».

tentação de transformar a *pedra em pão* para interromper um jejum prolongado, pesado e doloroso (cf. *Lc 4, 1-4*) e também de transformar o *pão em pedra* e lançá-la contra os pecadores, os frágeis e os doentes (cf. *Jo 8, 7*), ou seja, de o transformar em «fardos insuportáveis» (*Lc 10, 27*).

tentação de descer da cruz, para contentar as massas, e não permanecer nela, para cumprir a vontade do Pai; de ceder ao espírito mundano, em vez de o purificar e de o sujeitar ao Espírito de Deus.

tentação de descuidar o «*depositum fidei*», considerando-se não guardiões mas proprietários e senhores ou, por outro lado, a tentação de descuidar a realidade, recorrendo a uma terminologia minuciosa e uma linguagem burilada, para falar de muitas coisas sem nada dizer! Acho que a isto se chamava «bizantinismos»...

Mas o Papa conclui: «as tentações não nos devem assustar nem desconcertar e menos ainda desanimar, porque nenhum discípulo é maior que o seu mestre; portanto, se o próprio Jesus foi tentado — e até chamado Belzebu (cf. *Mt 12, 24*) — os seus discípulos não devem esperar um tratamento melhor».

Tudo isto se deve realizar com criatividade missionária: esta criatividade não é excentricidade, mas a criatividade que brota do Espírito Santo e que não se traduz em fazer aquilo que nunca foi feito ou que ninguém está à espera, mas aquilo que melhor responde à realidade concreta que estamos a viver.

Antes de entrar propriamente nos desafios e perspectivas pastorais, recordo a metáfora anteriormente mencionada: «o tempo é superior ao espaço» (AL 3 e 261) porque, na verdade, não se pode esperar que o «papa diga sempre a última palavra» (AL 3), pois existem diferentes modos de interpretar alguns aspectos da doutrina (AL 3) e sobretudo sem se preocupar em «ocupar espaços» que impeçam à Igreja de meter em acto a continua mudança que é essencial para poder e tornar-se, em cada tempo e em cada espaço, o único e o mesmo acesso à redenção. Deste modo, é necessário «gerar processos mais do que ocupar espaços» (AL 261). É precisamente isto que se espera dos diferentes desafios pastorais que gerem processos graduais e progressivos que permitam caminhar com todos.

Passemos aos desafios mais concretos. Partirei de orientações mais genéricas para depois passar a algumas propostas concretas:

✚ **Habitar o sentido do humano**

Este é para mim o primeiro e grande desafio de qualquer área pastoral: habitar o sentido do humano (Salvatore Currò)⁶. Vivemos ainda numa pastoral do «*ainda não*» e precisamos passar a uma pastoral do «*já*», isto é, pensamos e projectamos a pastoral como se ainda não houvesse nada e tivéssemos de começar tudo de novo, mas esquecemos que no «*já*», no aqui e agora do tempo e da história Deus está já a actuar, no concreto da vida das famílias há sementes de bem e de verdade que é preciso fazer florescer, germinar e crescer. Somos colaboradores da sementeira de Deus (AL 200)

✚ **Caminhar juntos: acolher e acompanhar**

O Evangelho da família é um apelo a incluir a todos. A *Amoris Laetitia* tem como pano de fundo a certeza da misericórdia de Deus e, por isso, todos os percursos, propostas e orientações devem ter dentro de si um profundo respeito pelo outro que Deus me confia e a capacidade de estabelecer uma linguagem e uma acção (palavras e acção andam unidas) que sejam capazes de incluir a todos (na Cruz Jesus morreu por todos e salvou a todos).

«Caminhar juntos» é expressão repetidas vezes sem conta no magistério do nosso Papa Francisco que tem como palavra-chave do seu magistério a «sinodalidade». Mas sobretudo importa fazer da sinodalidade um estilo pastoral. Este é um grande desafio e uma grande perspectiva pastoral. Como ser Igreja que acolhe a todos? Mas para colocar em prática este desafio pastoral importa fazer a pergunta ao contrário: quem não está incluído nos nossos projectos? Quem fica fora do nosso campo de acção? Respondendo a esta pergunta encontraremos com certeza muitas perspectivas e desafios pastorais.

Como aplicação concreta deste desafio posso partilhar convosco um projecto que iniciei na paróquia mas que depois com a minha ida para Roma não foi possível avançar. Nasceu de uma conversa com um diácono permanente de uma das minhas paróquias, fazer um encontro com casais. Um fim-de-semana com casais que estiveram ligados à paróquia e agora não estão, casais que com a vinda dos filhos para a catequese se aproximaram da fé e descobriram uma realidade que desconheciam mas que os entusiasma, casais que vivem situações de fragilidade matrimonial. A ideia seria fazer em cada ano um encontro, no início de Setembro quando ainda as escolas e a catequese não começou e fazer com um pequeno grupo uma experiência forte de oração, reflexão e partilha. A variedade das experiências seria uma riqueza e um dom. Assim foi na edição que fizemos.

✚ **Família: lugar de evangelização e cultura**

Já referi este aspecto quando colocava em sintonia e relação a *Gaudium et Spes, Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*. Pensar a família na óptica e na perspectiva da evangelização e da cultura.

⁶ S. CURRÒ, *Perché la Parola riprenda suono. Considerazioni inattuali di catechetica*, pref. di A. Fossion, Elledici, Torino 2014.

Em Portugal temos um bom Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, mas temos de crescer numa pastoral cada vez mais articulada e harmonizada. Os diferentes sectores da pastoral não podem viver cada um para seu lado, mas procurar como anunciar o Evangelho da Família à Cultura de hoje. Estabelecer plataformas de encontro pela música o teatro, a arte, a pintura. Aqui tocamos de novo este habitar o sentido do humano, o procurar um terreno antropológico onde seremos capazes de trilhar e entrar num espaço comum.

✠ **Guiar os Noivos no Caminho de Preparação para o Matrimónio:**

Um Catecumenado do Matrimónio

Nos n. 205-212, o Papa Francisco fala da necessidade de uma preparação do Matrimónio que se constitua como tarefa de toda a comunidade eclesial e familiar e que promova uma «espécie de «iniciação» ao sacramento do matrimónio, que lhes forneça os elementos necessários para poderem recebê-lo com as melhores disposições e iniciar com uma certa solidez a vida familiar» (AL 207). O papa insiste que é mais importante insistir na qualidade do que na quantidade e propõe que cada Igreja Particular pense qual o percurso a propor.

Quando falamos de preparação para o matrimónio falamos sempre de uma preparação remota e uma preparação mais próxima. Desenvolvendo esta proposta do papa, o Cardeal Walter Kasper, no seu mais recente livro apresenta como desafio pastoral um «Catecumenado do Matrimónio»⁷. Um percurso alargado que não se situe apenas no imediato da celebração do sacramento, ainda que imprescindível.

Neste sentido, importa no meu entender procurar uma pastoral familiar que não se feche em si mesma e seja capaz de começar o seu **trabalho no percurso catequético**. Encontrar oportunidade de formação acerca da vocação matrimonial e familiar desde os primeiros anos de catequese, numa catequese adequada a cada fase da vida com uma insistência na qualidade dos recursos a utilizar e na linguagem a empregar sobretudo no que diz respeito aos anos da adolescência e juventude (catequese para o Crisma). É necessário preparar este trabalho com base em recursos pedagógicos capazes de tocar a vida e a experiência dos jovens.

Inserir e articular este trabalho com a **Pastoral Vocacional**. Não posso deixar de referir como na minha juventude foram importantes os encontros de adolescentes e jovens promovidos pelo **Movimento Oásis** com painéis vocacionais onde estavam presentes um padre, um religioso, uma religiosa, uma consagrada secular, um casal. Nas paróquias ou noutras realidades pastorais devemos cada vez mais ser capazes deste trabalho articulado.

Ainda no âmbito catequético sabemos como é importante não nos determos nas crianças adolescentes e jovens mas entender a formação catequética no seu todo familiar e comunitário. Um trabalho interessante que assisti na paróquia onde fui vigário paroquial foi o trabalho da **Pastoral Familiar com os Catequistas**, sobretudo na preparação e orientação de reuniões de pais onde eram abordados temas relacionados com a família e a exigência vida quotidiana e da vida cristã, terminando sempre com um chá e uns docinhos onde era possível continuar a partilhar experiências e fazer um caminho próximo e incarnado na realidade.

⁷ WALTER KASPER, *Il Messaggio di Amoris Letitia. Una discussione fraterna*. Queriniana: Brescia 2018.

† **Aprendizes da arte de amar na Escola da Graça**

Pensei em não partilhar este desafio pastoral porque não tive o tempo suficiente para o amadurecer e desenvolver. Mas dizendo que a *Amoris Laetitia* tem como palavra central e pedra de toque o primado da graça e o apelo a despertar para uma pastoral familiar marcada por este primado não posso deixar de o propor, pelo menos como ideia que pode depois em tantos lugares ser amadurecida e desenvolvida a partir da realidade concreta de cada um.

Escola da Graça: projecto de pastoral familiar para uma equipa multifacetada e multidisciplinar que numa determinada realidade territorial ou não, colocasse em prática um conjunto de iniciativas que tocasse os diversos pontos da pastoral familiar procurando dar resposta aos desafios concretos da realidade onde se encontra inserida. Este projecto teria sempre como pano de fundo a imagem do sementeiro apresentada pelo papa no n. 200: «*À luz da parábola do sementeiro (cf. Mt 13, 3-9), a nossa tarefa consiste em cooperar na sementeira: o resto é obra de Deus*».

Um projecto, cujo objectivo seria despertar para a obra que Deus quer operar no matrimónio e a família, lugar de valorização do matrimónio como lugar de santificação, verdadeiro caminho de santidade, anúncio escatológico do amor de Deus para a Igreja e o Mundo. Este projecto contaria com a certeza de que não basta fazer o que sempre fizemos nem como sempre foi feito. Como afirma o papa Francisco é «*necessário passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária*» (EG 15).

Um projecto destinado a apresentar a maravilha da nossa vocação cristã. A maravilha de um Deus que nos convoca para o amor e nos chama a ser felizes numa felicidade que tem sabor de eternidade: «*O homem percebe, directa ou indirectamente, de ser um enigma: eu existo, mas quem sou eu? Tenho em mim o princípio da minha existência? Toda pessoa, a seu modo, procura a felicidade e tenta alcançá-la recorrendo aos meios disponíveis. No entanto, esse desejo universal não é necessariamente expresso ou declarado; ao contrário, esse é mais secreto e oculto do que parece, e está pronto a revelar-se diante de situações específicas*» (Placuit Deo, 5).

«*Com relação a estas aspirações, a fé em Cristo ensina-nos, rejeitando qualquer pretensão de auto-realização, que as mesmas somente podem realizar-se plenamente se Deus mesmo as torna possíveis, atraindo-nos a Ele. A salvação plena da pessoa não consiste nas coisas que o homem poderia obter por si mesmo, como o ter ou o bem-estar material, a ciência ou a técnica, o poder ou a influência sobre os outros, a boa fama ou a auto-realização. Nada da ordem do criado pode satisfazer completamente ao homem, porque Deus nos destinou à comunhão com Ele, e o nosso coração permanecerá inquieto até que não repouse Nele*» (Placuit Deo, 6).

Este projecto deveria agir nas mais diversas fases da vida:

- **Pastoral do namoro**: é cada vez mais urgente uma pastoral do namoro. Não esperarmos que chegue a marcação do casamento para propor o Curso de Preparação para o Matrimónio mas encontrar de um modo criativo um conjunto de actividades: encontros de fim-de-semana, caminhadas, encontros de reflexão e partilha onde se começa uma preparação remota para o matrimónio, com o testemunho de casais das mais diversas faixas etárias promovendo assim um percurso progressivo e gradual.

«Não devemos esquecer os valiosos recursos da pastoral popular. Só para dar um exemplo simples, lembro o Dia de São Valentim, que, em alguns países, é melhor aproveitado pelos comerciantes do que pela criatividade dos pastores» (AL 208).

- **Pastoral do Noivado:** o percurso do noivado pode ser valorizado e enriquecido. Há subsídios para isso. Por exemplo, o ritual tem uma celebração de bênção dos noivos, integrando assim no caminho de fé este período tão especial. Pode ser feito no âmbito dos encontros de preparação para o matrimónio, como no acompanhamento mais pessoal pode ser realizado com a ajuda do grupo de jovens, catequese ou escuteiros, promovendo assim já uma formação dos mais novos e um contacto com esta realidade.

- **Acompanhamento dos Casais Novos:** *«um desafio da pastoral familiar é ajudar a descobrir que o matrimónio não se pode entender como algo acabado. A união é real, é irrevogável e foi confirmada e consagrada pelo sacramento do matrimónio; mas, ao unir-se, os esposos tornam-se protagonistas, senhores da sua própria história e criadores dum projecto que deve ser levado para a frente conjuntamente. O olhar volta-se para o futuro, que é preciso construir dia-a-dia com a graça de Deus e, por isso mesmo, não se pretende do cônjuge que seja perfeito. É preciso pôr de lado as ilusões e aceitá-lo como é: inacabado, chamado a crescer, em caminho» (AL 218).*

A celebração do matrimónio é um ponto de chegada de um percurso, mas o abrir de uma nova etapa que comporta desafios, surpresas, frustrações e dificuldades. A partilha, o encontro, a ajuda no encontrarem o seu lugar na Igreja e no Mundo é fundamental. A experiência de casais mais velhos que passaram e ultrapassaram as mesmas dificuldades são um recurso fundamental. Os vários movimentos de Pastoral Familiar com que fui contactando sublinhavam sempre a beleza e a preciosidade da partilha de experiências.

- **Acompanhamento dos Casais nas diferentes transformações da vida:** a pastoral familiar de um modo geral concentra a sua acção na preparação do matrimónio, hoje muitas vezes até na preparação remota e não apenas na imediata. Efectivamente, desde há uns anos, começou a aparecer uma preocupação com os casais nos primeiros anos de vida matrimonial, mas, nas restantes etapas e fases da vida, não encontramos esta mesma preocupação e atenção. Na verdade, existem fases da vida que são cruciais e exigentes: os jubileus (10, 25 ou 50 anos); o momento em que os filhos se tornam independentes e que em tantos casais são momentos de crise e dificuldade; as situações onde a idade avança e é necessário tratar do cônjuge doente; as situações de perda do outro. Sei que são um conjunto variado e díspar, mas a atenção a campos de acção onde ainda não encontramos resposta deve ser o caminho para aqueles que procuram responder aos desafios que o Espírito Santo propõe na realidade hodierna.